



DUARTE JOSÉ PACHECO

INTELIGÊNCIA
DINAMISMO
INFATIGABILIDADE



CONFERÊNCIA PROFERIDA NA CASA
DO ALGARVE EM JUNHO DE 1951
PELO

DR. CAETANO MARIA BEIRÃO DA VEIGA
PROFESSOR DA UNIVERSIDADE TÉCNICA

LISBOA — 1951



1330

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação



*A Biblioteca da
"Casa do Algarve"
of. do Sr. Presidente
da Assembleia Geral,
Av. do Amador Ferreira
de Almeida*

DUARTE JOSÉ PACHECO

27/6/53



INTELIGÊNCIA
DINAMISMO
INFATIGABILIDADE



CONFERÊNCIA PROFERIDA NA CASA
DO ALGARVE EM JUNHO DE 1951
PELO
DR. CAETANO MARIA BEIRÃO DA VEIGA
PROFESSOR DA UNIVERSIDADE TÉCNICA

LISBOA — 1951

SENHORAS E SENHORES:

NO Aeroporto de Lisboa, numa bela tarde do último Outono, encontrei, ocasionalmente, o meu caro Amigo Humberto Pacheco, que, à queima roupa, me diz: «A Casa do Algarve pensa fazer uma sessão comemorativa dedicada ao Duarte. Queria convidá-lo para falar sobre ele, sobre o seu grande amigo».

Inesperado, tal convite, tão amistoso, tão fraternal, tão distinto, comoveu-me. De facto, o Duarte, teve muitos admiradores, muitos dedicados colaboradores, mesmo muitos amigos devotados, mas, seja-me permitida esta ousada afirmação, nenhum amigo mais amigo do que eu. O Duarte criou no meu coração um local especial, bem junto dos ocupados pelos meus filhos e pela minha família mais próxima. Portanto, o convite do Humberto, feito, no Aeroporto, uma das vastas e belas realizações do nosso Duarte, despertou, em mim, o anseio de aquiescer ao seu alvitre. A resposta saiu-me incontinentemente e imponderada: «— Pois sim, meu caro Humberto. Para mim tenho como sagrado dever de estima prestar ao vosso irmão todos os preitos de admirativa amizade que me sejam possíveis. E, muito obrigado».

Como consequência deste diálogo, e depois de receber o honrosíssimo convite oficial da Direcção desta Casa, aqui estou, para vos falar desse grande algarvio, que foi, sobretudo, um grande português.

Mas, que poderei e saberei dizer-vos sobre o Duarte?

Coisas inéditas, novas, tecnicamente profundas? Não são de minha competência nem, com certeza, do vosso desejo.

O que aqui nos reúne não é a técnica, mas sim a saudade; não é o profissionalismo, mas a amizade; não é a política, mas a sentimentalidade; não é o calculado interesse material, mas o afecto colectivo de terna recordação e de punjente mágua.

Esforçar-me-ei por reanimar o amigo falecido, recordando-o na sua intimidade, na delicadeza dos seus sentimentos, na austeridade dos seus princípios e na vivacidade da sua inteligência luminosa. Deixarei, sobretudo, falar o coração. Assim será atenuada a insuficiência de meus dotes pela pujança da minha vivíssima lembrança. Tentarei, deste modo, repô-lo na vida, a mexer,

a falar, a pensar, a agir, a sentir, tal como eu o via, tal como eu o admirava, tal como eu o amava.

Conseguirei, embora por fugazes momentos, arrancá-lo à morte e trazê-lo até nós, de forma que sintamos o seu espírito viver e pairar nesta Casa, quase realidade, quase tangibilidade afectiva? Se o conseguir toparei na doce amargura de evocá-lo, a imensa alegria de repô-lo, de reconhecê-lo, junto de nós todos, seus imperecíveis e inconsoláveis amigos.

O meu desejo não é fácil de realizar. Chamberlain, o pacificador, escreveu um dia, a propósito dos grandes homens: — *one cannot realise their greatness till one stands at some distance from them* — E, o Duarte, está ainda bem perto de nós, pois está dentro de nós mesmos, nos nossos corações. Mas, a Deus, nada é impossível. Que Ele me conceda a Graça daquele «engenho e arte», que tanto me escasseia, e a minha fé ousará reintegrá-lo na vida, embora como uma sombra fugaz ou o lampejo de relâmpago.

*
* *
*

Em 19 de Abril de 1900 — nasceu na vila de Loulé uma criança do sexo masculino que recebera, mais tarde, na Igreja de S. Pedro, em Faro, o nome de Duarte José Pacheco.

Foram seus Progenitores: a virtuosa Senhora D. Maria do Carmo Pacheco, excelsa por suas graças familiares de esposa modelo, e José de Azevedo Pacheco, louletano de boa raça, homem de trabalho e de carácter, que o respeito público distinguia, e a consideração dos conterrâneos acarinhava, a ponto da sua vasta influência o elevar ao comando do partido regenerador local e o seu esforçado labor e inteligência o collocarem à frente da Repartição Concelhia de Finanças.

As suas qualidades próprias deveu toda esta situação, pois não foi pelas habilitações oficiais que conquistou prestígio e renome, visto que possuía, exclusivamente, o exame de instrução primária. Foi, portanto, José Pacheco, o que os ingleses, com expressão apropriada e elogiativa, classificam de: «self made man».

Duarte José Pacheco nasceu, como se vê, no seio de honrada família algarvia burguesa. Esta, privada de fortuna e haveres, provia às necessidades da cauta existência à custa do trabalho probo e árduo do seu chefe.

Não quis, porém, o infortúnio abandoná-la. Em 1906, quando Duarte contava apenas 6 anos de idade, a morte, cruel e impiedosa, arrebatava, brutalmente, a infausta Senhora D. Maria do Carmo. E aquela casa, aquela colmeia de descendentes, ainda muito novos, mergulhava em triste mágua e profunda desolação.

O infortúnio tem, muitas vezes, o condão de exaltar qualidades congénitas e virtudes admiráveis. Na família Pacheco, renovou-se o milagre: — as filhas mais velhas, ao tempo ainda bastante moças, chamaram a si o pesado encargo de continuar a magnífica obra doméstica de sua estremosa e desafortunada Mãe. O governo do lar e a educação dos irmãos mais jovens, eis a sagrada obsecção daquelas crianças, precocemente transmutadas em mulheres pela fatalidade do destino. A dedicação vigilante, o carinho permanente, o amor desinteressado e o bom senso económico, tornaram-se os dogmas de sua conduta moral. Nos filhos floria, assim, a semente do exemplo materno.

Foi nesta Escola de virtudes familiares, que decorreram a infância e juventude do nosso tão querido e magnífico Duarte.

Talvez, em parte, contagiado pelo exemplo de suas irmãs, e, certamente, também impellido pela sólida formação congénita de seu lidimo carácter, quando, oito anos mais tarde, após o desaparecimento de sua Mãe, viu, de novo, entrar em casa a tenebrosa Parca, e finar-se, em 1914, apenas com 48 anos o Pai, demonstrou, como o fizera seu irmão Humberto, precocemente elevado a chefe de família, que a sua puberdade (14 anos) não o impediria de lutar como um homem para contribuir e prover às necessidades imperiosas da manutenção dos seus.

A criança, o pequeno Duarte, com os poderosos recursos da sua invulgaríssima inteligência, e com as faculdades notabilíssimas da sua capacidade de trabalho, sendo aluno fez-se mestre, sendo estudante tornou-se professor. Desde então, poderá afirmar-se que até terminar o curso de Engenheiro Electrotécnico em 1923, Duarte Pacheco não teve outra actividade que não fora: — estudar para aprender; ensinar para viver.

*

* * *

Duarte Pacheco nascera, intrinsecamente um professor. A sua palavra não seria de orador eloquente, mas tinha o condão raro de tornar acessíveis os mais complexos assuntos. No seu espirito, que logo ao primeiro contacto abarcava, integralmente, qualquer problema, por mais transcendente que fosse, vivia, cintilante, o poder admirável da síntese. As dificuldades que obstassem à compreensão nítida e rápida de qualquer assunto, obliteravam-se sob o poder do seu raciocínio clarividente. Com aquele sorriso aberto, sempre a iluminar-lhe a fisionomia insinuante, quando perante a lousa negra a sua mão nervosa e frágil impelia, em veloz carreira, o giz branco, reconhecia-se que, naquela alma privilegiada, crepitava a chama intensa de portentoso talento. Dos traços do giz, ao preleccionar, afigurava-se nos sair chispas

cintilantes, que iriam excitar e reanimar, nos mais recônditos recessos cerebrais, as faculdades adormecidas dos ouvintes dotados de compreensões indolentes.

Duarte Pacheco demonstrava o teorema mais complexo com a mesma naturalidade com que qualquer hábil mecânico desintegra de uma máquina as suas peças, e depois as reajusta. Quando o Duarte expunha recebia-se a impressão de ser tudo fácil e, até, que não existiam problemas ou teoremas, mas afinal, só axiomas.

Um dia, em que passeávamos ambos pelas ruas desta Lisboa, que lhe foi tão querida, manifestei-lhe o meu sincero espanto por essa faculdade extraordinária de compreender, num relance, as mais complexas e variadas questões de matemática e de as expor com o ar de serem banalidades correntes. Eis a sua réplica: «Então não há vocações musicais que levam certas pessoas, ignorando completamente as regras de música, a tocar em qualquer instrumento harmonias deliciosas? Se você acha que tenho essa faculdade, admita ser, talvez, um dom com que nasci e que, portanto, não tem merecimento próprio».

Seria possível colher resposta mais singela ou mais modesta?

*

* * *

O seu valor excedia a cátedra; reunia em si qualidades que pertencem ao Estadista. Por isso, quando se sentou pela primeira vez no Conselho Escolar do Instituto Superior Técnico, após a honrosa nomeação, datada de 8 de Outubro de 1925, para Professor Interino desta Escola, ao receber os cumprimentos congratulatórios dos colegas, ouviu alguém augurar-lhe curta permanência no serviço escolar, visto que tão grandes méritos próprios o levariam, forçosamente, a destinos sociais mais altos. Não tardou que a profecia se realizasse! Em 18 de Abril de 1928, ascendia a Ministro da Instrução Pública, com a radiosa juventude de 28 anos menos um dia!...

Duarte Pacheco viu a luz do sol em terras algarvias, onde o clima é doce, a paisagem suave, o ar diáfano, a brisa acariciante e o céu, à hora meditativa do crepúsculo vespertino, se matiza de fulgores deslumbrantes, que vão do rubro vivo do fogo ao branco calmo da prata pura, e logo se transmutam em verdes translúcidos de esmeralda ou em cintilações irizadas de ouro fugiente.

Foi aí, nesse mourisco Al-Faghar, onde se aspira um pouco o perfume quente do deserto africano e sonhamos hoje, ainda, com mouras veladas e misteriosas espreitando-nos de secretos miradouros, encastoados em topos de muros alvinitentes, ou

lobrigando-nos por detrás de gelosias bem cerradas, em obediência a sacros ritos ancestrais, que teve nascença o nosso tão querido Duarte. Foi lá, nesse vosso Algarve, onde a Amendoeira copada e florida se achega à figueira encarquilhada, contorcida, rastejante, dando-nos a imagem carinhosa e enternecida da moça alacre e sadia assistindo, caritativa, à velhinha exausta e sofredora; aí, onde a campina canta canções dolentes e nostálgicas pela voz monótona da cigarra; onde a alfarrobeira exótica, filha de cálidas terras, reverdesce à beira dos regatos, como a desmentar-se de remotos calores congénitos; aí donde o grande Infante contemplando, há 5 séculos, o tenebroso Atlântico, do alto de promontório escarpado, visionou aquele mundo real e tangível, que jamais alguém tinha concebido para além de quimérica miragem; foi aí, nessa terra de ressaibos mouriscos, mas profundamente lusitana, onde o mais ingénuo e doce poeta de Portugal teve seu nascimento, qual rosa singela em roseiral maninho, que surgiu para a vida, breve mas gloriosa, fugaz mas fecunda, aquele que hoje evocamos e se chamou Duarte José Pacheco.

Foi aí, nesse Algarve, senfinela avançada do bastião mais meridional do rincão continental português, terra de lendas e de sonhos, que, muito embora, última parcela a integrar-se no pátrio lar, à Pátria tem dado pléiades de heróis, navegadores, diplomatas, escritores e lídimos cidadãos, que a mão infalível de Deus pôs a casa paterna de Duarte Pacheco, um dos maiores vultos da nossa grei, de si tão fértil na gestação de talentosos varões e gentes virtuosas.

E onde poderia, com maior acerto, nascer Duarte Pacheco que não fora Algarve?

Onde seria mais lícito gerar-se aquela arrojada visão, que o dominava e caracterizava, que não fora na terra mãe do promontório de Sagres?

Donde se divisará, em Portugal, um horizonte mais vasto, do que a par do vulto indómito, e lá sempre presente, do grande Henrique?

Um Portugal moderno e digno, na sua grandeza contemporânea, da grandeza arcaica que lhe adveio do génio aventureiro do inclito Infante foi o que Duarte Pacheco visionou. É Duarte Pacheco edificou-o sobre o torrão abandonado, mas ubérrimo, do nosso Portugal Velho, povoado, então, de gentes tradicionalmente descrentes, resignadas e maometanamente fatalistas.

Escreveu, um dia, em verso sublime, o satírico Boileau, espírito temperado na escola magnificente de Corneille, Molière, La Fontaine, Racine, e de outros muitos luminares da época esplendorosa de Luís XIV — Le Roi Soleil —, duas frases lapidares que sintetizam a pujança criadora de Duarte Pacheco, e, que, embora idosas de cerca de três séculos, se ajustam, rigorosamente, à sua alma de elite. Tais frases, que seriam bem tomadas

Não se esqueça.

← a amendoeira reverdesce em terra, ricas. Só surge após um período auso de vida.

como divisa heráldica a apor no brasão nobilitante de tão probo, incansável e incorrupto trabalhador, rezam assim:

Tout ce qu'il a touché se convertit en or;
 Tout reçoit dans ses mains une nouvelle grace.

No cérebro fortíssimo, e indomável, de Duarte Pacheco, geravam-se, a cada instante, idéas novos e claros, pensamentos grandiloquos e magníficos, que, logo, a sua vontade inquebrantável e a energia dinâmica que o consumia, transformavam, com presteza, em realidade. E, com tal presteza agia que, por vezes, ainda os descrentes, os maldizentes, os estéreis classificavam de utopias o visionado, quando, ao tempo, já tudo era tangível fruto da sua pujante intranquilidade criadora.

Lancemos um olhar veloz sobre o nosso Portugal. Onde, de Norte a Sul, de Nascente a Poente, haverá uma província, um distrito, uma cidade, uma aldeia, em que não encontremos uma marca indelével da mão gigantesca de Duarte Pacheco? As suas dedadas cobrem o mapa inteiro de Portugal. Mas, essas dedadas, não se distribuem ao acaso, não caíram sobre a nossa terra, dispersas ou acumuladas, confusas e indistintas, como as folhas caducas tombadas das árvores em quadras outonais ventosas. Quem seguir atentamente e com espírito observador, os marcos miliários da acção de Duarte Pacheco através do país, verificará que são pegadas de cuninhante sabedor do norte que busca e para ele se dirige com firmeza.

Na esteira que ficou e perdurará, marcando o trilho percorrido por esse Estadista genial, jamais se encontram hesitações, retrocessos, desvios absurdos. Tudo é lógico, harmonioso, equilibrado, ponderado, enérgico, decidido, seguro.

O espírito vigilante de Duarte Pacheco, nas poucas horas de tranquilidade em que o trabalho absorvente lhe permitia um pouco de folga, congeminava novas iniciativas, sonhava com maiores benefícios nacionais. Como matemático emérito, escarpelizava esses sonhos, com o poder férreo da sua lógica penetrante, aguda e incontrovertível. E, assim, posta a nu a realidade sã, existente no sonho revelador, medido o grau de utilidade social que nessa ficção se conteria, logo o problema era equacionado em demanda das possibilidades de realização previsível. E achadas essas possibilidades, fixados os valores das incógnitas, tendo as soluções na mão, jamais a sua vontade se aquietava, a sua poderosa actividade repousa e o seu irresistível poder de convicção sofre um colapso de desesperança, de desânimo, de quebrantamento.

As suas decisões eram quais avalanches em marcha. Nada se lhes poderia opor, nada lhes resistia. A vontade dos homens submetia-se passivamente, quando não electrizada por entusiasmo

contagioso, os obstáculos materiais sobremontava-os com inexcedível habilidade, e, até, as próprias forças adversas da natureza eram refreadas nos seus malignos efeitos pelas prudentes medidas cautelares previamente adoptadas.

E, assim, como disse o poeta :

Tout ce qu'il a touché se convertit en or ;
Tout reçoit dans ses mains nouvelles grace.

* * *

Duarte Pacheco tornou-se, pela lucidez fulgurante da sua visão de estadista e pelo seu dinamismo criador de homem de acção, um gigante neste nosso Portugal.

Em carreira veloz ascendeu da Escola à cátedra, da Cátedra à direcção escolar, da Direcção escolar às Pastas da Instrução, das Obras Públicas e à Presidência da Câmara Municipal de Lisboa.

Atravessou o firmamento nacional, qual meteoro brilhante, que surge das profundidades obscuras do espaço ignoto, se arroja nos céus como fanal colorido e faustoso de luz cintilante, e se afunda outra vez, nas tenebrosas regiões insondáveis de onde surgiu e ascendeu. Esses meteoros, esses cometas, deixam, atrás de si, caudas fosforescentes, que, em breve, se apagam nas trevas profundas do infinito.

Duarte Pacheco também deixou, da sua passagem por este velho Portugal, uma esteira luminosa, mas que não, como a dos cometas, breve se apagará. Essa esteira, tão fulgente, será, por muitos séculos, um padrão miliário imponente e altivo na estrada lusitana do progresso. Sê-lo-á, não somente por aquilo que edificou, construiu e criou de tangível, mas sê-lo-á também, e sobretudo, pelo espírito novo que floriu, pela escola que fundou, pela velocidade civilizadora que imprimiu ao ritmo sonolento da actividade lusitana.

Em toda a parte topamos com Duarte Pacheco. Ele está nas cidades, nas estradas, nos campos, nas aldeias, nos monumentos, nas escolas, nos bairros económicos, na água que bebemos, na água que fertiliza, na energia que nos ilumina e alimenta e, mais do que em tudo isso, no nosso pensamento, na nossa saúde. Permanecerá subjectivamente, nas visões realísticas, nas tendências de nossos filhos, que já se não acomodarão à marcha quebrantada do tempo de nossos pais e avós. Ele está e perdurará, consciente ou inconscientemente, na alma da gente nova de hoje, e de muitas gerações vindouras, que sofrerão a influência

dinâmica desse génio nacional que cruzou fugaz o espaço português.

Duarte Pacheco, seja-me permitido o simile, foi um António Maria Fontes Pereira de Melo do nosso tempo. E a história, que se fará isenta de facciosismos, de simpatias, de gratidões ou de ódios, creio que poderá colocar estes dois estadistas gigantes a par,



DUARTE PACHECO ALUNO DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

como duas figuras semelhantes na vertiginosa ascensão social, na grandeza patriótica de seus pensamentos, na actividade operosa, na probidade das intenções e, ainda, no amor supremo pelo País, pela Pátria e pela grei.

Duarte Pacheco, formara-se em engenharia. Tal como Fontes Pereira de Melo. Se este, aos 29 anos se sentava numa cadeira de Deputado, aquele, aos 26 entrava no magistério superior e aos 28 instalava-se na cadeira de Director do Instituto Superior Técnico.

Pacheco aos 28 anos sobraçava a pasta da Instrução Pública e, Fontes Pereira de Melo, aos 32 anos de idade ascendia ao Poder, ocupando o cargo de Ministro da Marinha.

Verdade seja que Pacheco, sobraçando a Pasta das Obras Públicas em 1932 e mais tarde em 1938, não teve, jamais, de preocupar-se com as finanças públicas, que o Dr. Oliveira Salazar já havia, metódicamente, ordenado e isso lhe permitiu ser o grande, o incomparável realizador do Estado Novo. Fontes, que no seu lugar se elevou a verdadeiro *redentor nacional*, pois metamorfoseou Portugal que, sofrendo uma integral transformação devido à iniciativa do jovem Ministro, houve de começar, administrativamente, pelo saneamento da atmosfera financeira que, ao tempo, se tornara asfíxiante. Logo que fora purificada a finança, impulsionou a construção de estradas, de forma extraordinária e inaudita, introduziu, entre nós, os caminhos de ferro, contratando a construção das linhas de Norte e Leste, fundou o Instituto Industrial e Agrícola, iniciou a navegação a vapor no Tejo, Sado e entre o Continente e os Açores; instalou o telégrafo; abastecer Lisboa de água; construiu as docas do Porto de Leixões e, salvando milhares de famílias da miséria, acrescentou os rendimentos do Estado. No entanto, Fontes, para realizar toda esta obra gigante, dispôs de uma vida de 68 anos. Duarte Pacheco, que, no nosso tempo operou uma obra comparável àquela, enquadrada cada qual na sua época, finou-se trágicamente na flor da vida, na perfeita maturidade, na idade esperançosa dos 43 anos. Sobraram, pois, a Fontes, 24 anos, para realizações em comparação com Pacheco. E a obra que este nos legou em nada desmerece pela grandeza, pelo esforço, pela inteligência, pela vastidão, pela utilidade e pelo amor pátrio que revela, perante a obra do predecessor.

Quanto não teria Portugal a esperar, ainda, desse homem, desaparecido da nossa convivência na flor da idade, que fizera pelo bem e progresso de nós todos, em 43 curtos anos de vida terrena, mais, muito mais, do que gerações e gerações anteriores, durante décadas e décadas, haviam efectuado!

*
* *
*

Poderá o tempo, reparar, no magistério e na técnica, na política e na administração o vácuo que ai deixara Duarte Pacheco, mas não conseguirá — «se acaso tanto couber na sua quase omnipotente força» — apagar do peito de nós todos, colegas, amigos, discípulos, admiradores, conterrâneos, a funda máguia que nele imprime a sua recordação. O tempo nem conseguiu, nem conseguirá, — como dissera algures o inolvidável Prof. Dr. Sousa Martins referindo-se a alguém que nesta terra nascera e fora tam-

bém grande — «apagar essa recordação, porque a foice mortífera embota-se na estéril tentativa de demolir os monumentos que a cada um erigiram a própria virtude e talento» —.

Enfraquecer o respeito que a memória de Duarte Pacheco nos infunde, ou eliminar da estrada do progresso nacional os indeléveis vestígios que aí deixou na sua tão fugaz, mas tão eficiente passagem, é obra que excede a morte e se sobreleva ao próprio tempo.

*
 * *
 *

Intentar a resumida exégesis das pouco vulgares qualidades de cidadão que soube tornar-se invejado como homem de acção e admirado como professor, que conseguiu fazer-se respeitar como político e idolatrar como filho de família, e que imprimiu nas suas obras a immortalidade do seu nome, será, como facilmente se antevê, tarefa que excede muito as minhas qualidades de espirito.

Mas, esta homenagem, esta evocação, que aqui fazemos hoje de Duarte Pacheco, não é primacialmente obra gerada pelo cérebro, neste congeminação e por este orientada, mas sim filha dilecta do coração, fruto saboroso da saudade.

Se aqui actua o cérebro é por imperioso mandato do coração.

Sem aquele, sem a sua intervenção, seria impossível desvendar-vos os cordiais anseios psíquicos e, portanto, prestar, aqui, ao nosso querido Duarte, visível culto de saudosíssimo respeito. O verbo é o transmissor do sentimento e o meio que nos leva à compreensão mútua. Se, porém, possível fora, silenciosamente, render-lhe homenagem, conseguindo, sem vocábulos, harmonizar o ritmo de nossos corações, de modo que os sentimentos se sincronizassem, conseguíramos erguer mais alta a sua figura majestosa. Em silêncio mais expressiva seria a evocação e mais purificada se tornaria a saudade! A palavra, que ora aqui se escuta, é pobre de dons para enobrecer tão grande figura moral e tão genuinamente portuguesa.

*
 * *
 *

O Dr. Manuel Maria Ferreira da Silva Beirão, de quem tenho a subida honra e o justificado orgulho de ser sobrinho-neto, escreveu há mais de 110 anos, esta eterna verdade:

«É doce falar dos finados, conversar com eles, viver das suas recordações e, cercado de ciprestes, saciar o coração deste deleite cuja doçura só compreendem as almas que senhoreia o místico sentimento da saudade.»

É essa mesma doçura que, hoje, aqui nos reúne e aqui nos trouxe a fim de saborearmos, embora com as lágrimas nos olhos, o doce travor amaro da saudade.

Cada um de nós, que conheceu Duarte Pacheco, procura senti-lo ainda a seu lado; quase lhe ouvimos o bater do coração, e afigura-se-nos que sua corpulência alta e esguia, seu sorriso aberto e franco, sua voz doce e austera, sua ironia fácil e precisa, sua fé entusiasta e lógica, sua bondade inata e severa, sua ambição de *muito bem fazer* velozmente, e a sua modéstia, pairam, neste ambiente de saudade, de ternura, de gratidão e de respeito, por ele, que foi nobre, bom, digno, inteligente, incansável e iluminado pela luz radiante da esperança na Pátria engrandecida.

*
 * *
 *

Toda a sua obra tem a imponência das vistas largas. Não quis nunca confinar-se a obtemperar às deficiências do presente. Sempre cuidou de acudir às previsíveis exigências do futuro. E, por isso, alguns o consideraram *ab initio*, como megalómano. Tenho, como exemplo, o I. S. T. Para quê edifício tão vasto? Para quê espaço tão enorme a fim de abrigar umas escasas dúzias de alunos? Isto proclamavam os míopes de espírito, os derrotistas, os descrentes da vitalidade da raça e do potencial progressivo do país. E os clamores não foram poucos. As críticas fáceis, mordazes. Pois bem, mais alguns anos volvidos e o I. S. T. já não poderá dizer-se folgado para as suas actuais e imperiosas necessidades pedagógicas!

O I. S. T. foi a pedra de toque das prodigiosas qualidades criadoras e administrativas de Duarte Pacheco. Havia muito, já, que toda a gente considerava indecorosas as velhas instalações do Instituto, situado no Conde Barão, abarracadas, inestéticas, anti-higiénicas e provisórias — como tanta coisa dessa quadra nacional —; todos falavam, maldiziam, censuravam, mas ninguém actuava. Duarte Pacheco foi como um Messias que surgiu entre nós outros, seus colegas docentes. Animado daquela confiança firme, impulsionada por visão larga, movido por vontade férrea e pronto a todos os sacrifícios em benefício da sua ideia, eis, que se mete na Câmara Municipal de Lisboa, coberto com o simples título de professor do Instituto, e, de alto a baixo, esquadrinha a planta da cidade. A sua vista aguda fixa-se nos vastos terrenos, quintas e quintais, que se dilatavam para as bandas do Arco do Cego. Lá, no seu foro íntimo, decide que ali se elevaria imponente o edifício do Técnico, condigno e adequado à finalidade da Escola. E, aí, se ergueu. E o problema que tantas décadas seguidas levou a equacionar, resolveu-o no curto prazo de 3 anos!

— Como se deu tal milagre? Pondo a operar a sua persistência, o seu poder de convicção, a sua cativante amabilidade, o seu sorriso afável, a sua actividade incansável, o seu desinteresse pessoal, a sua perspicácia e a sua fé robusta, todo este complexo guiado pela inteligência clarividente que o iluminava.

De início tudo faltava, completamente, para a realização da obra, desde o dinheiro para comprar terrenos vastos e apropriados à grandeza da construção. O edifício que ele visionava imponente, embora sem luxos nem desperdícios faustosos, exigiria quantia vultuosa, que impossível seria arrancar, integralmente, ao erário público. Então, magicou esta solução genial: adquirir terrenos com área muito mais extensa do que a necessária ao Instituto, a fim de, urbanizando a zona rústica contígua, meia encravada na Lisboa desse tempo, ser possível, pela venda sucessiva de parcelas valorizadas, e desnecessárias à Escola, conseguir os fundos suplementares exigidos pela construção das instalações projectadas. E, assim, a um empréstimo de 20.000 contos levantados na Caixa Geral de Depósitos, se reduziu a participação do Estado naquele monumento, uma das glórias do Estado Novo.

Tudo projectado, com base nesse empréstimo de 20.000 contos, e Deus sabe o que a obtenção de tal empréstimo revelou de tacto e de superior diplomacia, compraram-se várias quintas. Depois, veio a época das trocas, das dificuldades opostas pelos proprietários, das influências pessoais dos expropriados, da campanha dos descrentes e das insinuações dos despeitados. E, ele, em pé, quase sózinho, lutou contra todas essas forças contrárias. Porém, convencendo, venceu!

Começou, assim, o Duarte, o Pacheco, a inspirar certa confiança e no conceito público a ser respeitado como alguém capaz de não somente sonhar coisas grandes, mas de realizar as maiores coisas. Então, foram dias e noites, sem repouso, sem descanso, sem desânimo, desde manhã bem cedo até altas horas, que o Pacheco viveu, quase sem comer e quase sem dormir, nas obras do seu Instituto.

Foi, desse magnífico edifício, o engenheiro que vislumbrou o conjunto, o architecto que discutiu a estética e o pormenor, o capataz que fiscaliza o trabalho, o pagador que liquida as férias e até o pedreiro, o pintor, o servente, que maneja a pedra, prepara a tinta, coadjuva o obreiro.

No Instituto foi tudo, o cérebro e o braço, a inteligência e a acção, a força e a fé. Simultaneamente impelia ao trabalho os operários e conciliava os desejos dos colegas; escutava as aspirações dos estudantes e tratava com os fornecedores; pensava nos assuntos pedagógicos da Escola e ajustava tarefas com os obreiros; contratava com os vizinhos, manobrava os empreiteiros e transaccionava com várias empresas; preleccionava matemática

nas aulas e conferenciava com o Governo e com a Câmara para solucionar obstáculos e conquistar apoios.

Nunca encontrei na minha vida, já de não curta existência, e por vezes também pletórica de trabalho complexo, maior dinamismo, maior dispersão de actividade, igual poder de resistência à fadiga.

Portanto, como disse o poeta :

Tout ce qu'il a touché se convertit en or.

Em ouro e do melhor!...

É ver com que orgulho, nós portugueses, lisboetas, olhamos com admiração a Lisboa Nova nascida em torno do Técnico, como ninhada de pintos em redor da mãe!

É verificar o prazer com que levamos os forasteiros, que nos visitam, a percorrer esses bairros arejados, de ruas largas, de construções harmoniosas, de habitações higiénicas, onde entra o ar, a luz, a água, e a convicção íntima com que todos, nacionais e estrangeiros, exclamam a sua surpresa perante tão monumentais realizações! E, tudo isso, é fruto do binário administrativo — Salazar Pacheco —; dessa simbiose de dois génios a que Portugal deve tão largo passo no caminho do progresso.

Disse Churchill, num dos mais cruciantes momentos da última guerra, com aquela eloquência precisa de orador iluminado, que :

nunca tantos deveram tanto a tão poucos.

Parafraseando Churchill afirmarei também, referindo-me ao binário — Salazar Pacheco —: *raramente tantos portugueses deveram tanto a dois portugueses*, pois, escassas vezes, Portugal inteiro, há devido tanto, somente, a dois homens.

*
* * *

Duarte Pacheco nunca viveu nem *da*, nem *para* a publicidade. A sua obra impôs-se por si própria, sendo desnecessárias frequentes girândolas laudatórias nas colunas dos jornais diários, para que o país a visse.

Comprova-se esta asserção pelas reduzidas referências feitas na imprensa dessa época em relação à complexidade e grandeza imensa das suas realizações.

Possuo autoridade especial para testemunhar tal faceta do seu temperamento, pois, quando Duarte Pacheco terminou o

curso de Engenheiro Electrotécnico eu occupava o cargo de Administrador Delegado da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária e editora do *Diário de Notícias*.

Nessa época, o Duarte, passava horas a meu lado, no meu gabinete particular e servia-se dele como se seu fosse. Convivia ele, então, com toda a gente categorizada do jornal e com a mais seguida frequência.

O meu saudoso Amigo, Eduardo Schwalbach, outro espírito tocado pelo talento, Director do *Diário de Notícias*, tornara-se, também, grande amigo do Duarte, dedicando-lhe sincera admiração e particularíssima estima. Todos nós, que trabalhávamos entusiasticamente no jornal, mantínhamos relações tão fraternais e amistosas com o Duarte, que criamos ser ele um dos nossos companheiros de trabalho e muitas vezes, em momentos mais delicados, o seu conselho foi solicitado e escutado atentamente.

Schwalbach, sempre que se encontrava com o Duarte Pacheco, sentia funda emoção e manifesta alegria. Em frases repassadas de carinho e intimidade, ouvimo-lo, muita vez, exclamar com ternura: «Viva o nosso Duarte, o meu menino! Vamos lá dar um pouco à lingua». — E, então, ambos recolhidos no gabinete particular do espirituoso escritor, do dramaturgo consagrado e do jornalista mestre de jornalistas, cavaqueavam, durante horas, pois Schwalbach usufruía o dom de conversador emérito, de narrador graciosíssimo de histórias verídicas e de anedotas picantes.

Aqueles dois espíritos de elite gozavam, deste modo, os deleites da boa conversa, pertença exclusiva dos intellectuais esclarecidos, quando vagueiam em ambiente de franca cordalidade e se abraçam num impulso de espontânea simpatia.

O Duarte, como nós o designávamos, sentia-se tão preso à casa comum que, ao deflagrar a sangrenta desordem de Fevereiro de 1927, não nos quis abandonar e passou, encerrado no *Diário de Notícias*, os trágicos dias de 7, 8 e 9 desse mês e, como nós, sem dormir e quase sem comer, ali se conservou fielmente a nosso lado. Assistiu, pois, como testemunha presencial, às ameaças que se praticaram contra a integridade da sede da empresa, situada ao tempo, no coração do Bairro Alto, onde as forças revoltosas dominavam em absoluto, e às coacções exercidas sobre nós todos, para darmos alento à atitude dos sediciosos publicando-se um número do *Diário de Notícias*, por eles inspirado, no qual se descrevessem êxitos e fantasiosas vitórias.

Nessas horas tormentosas nem sequer a metralha nos faltou portas adentro, pois fomos alvejados por artilharia e aviação governamentais e invadidos pelos elementos revoltados!

Duarte Pacheco, como é lógico concluir de todo o exposto, gozava da maior simpatia entre a gente do *Diário de Notícias*. Dispunha, assim, da atmosfera mais propícia a proclamar através

da trombeta da fama virtudes e talentos, quando em 18 de Abril de 1928 foi chamado a sobraçar a pasta da Instrução Pública.

Será, agora, fácil verificar-se que as referências que lhe foram dirigidas em nada excederam as usuais, dispensadas a qualquer outrem em idênticas condições. E, sempre, através da sua carreira luminosa pelas cadeiras do Poder conservou esse feito oposto à publicidade laudatória, às referências corriqueiras, ao reclame elogioso, ao panegírico quotidiano e grotesco que, tanta vez, torna ridículos e escarnecidos os alvejados heróis.

*
* * *

Um outro aspecto característico da sua contextura moral revela-se na atitude admirável de jamais haver utilizado a força política de que dispunha, ou a influência pessoal de que gozava, em benefício próprio, de sua família ou de seus amigos. Estes eram, em respeito por tal principio, os grandes sacrificados, pois, como César, não admitia que se lhe lançasse a menor suspeita.

Duarte Pacheco tinha uma religião: a Pátria. E, a Pátria, simbolizava-a o Estado. Para colaboradores não ia buscar amigos, mas sim competências, não pessoas que o servissem a ele próprio, como homem público, como político, mas sim aqueles que, integrando-se nos vastos planos que lhe enchiam a imaginação, melhor julgava poderem servir o Estado.

Não criou, em sua volta, camarilhas servis de adoladores incontinentes, mas selectos grupos de homens inteligentes, capazes, hábeis e vigorosos trabalhadores. As qualidades superiores do Ministro impunham-se de tal forma que os seus cooperadores se transformavam em admiradores devotados, entusiastas auxiliares e propagandistas veementes e convictos de seus projectos e velozes realizações.

Tudo isto confirma que Duarte Pacheco foi um intrínseco valor social, uma alta capacidade administrativa, uma luz que iluminou esclarecendo, e atraiu entusiasmando.

Não há, porém, qualidades isentas de defeitos. O povo, com a sua sabedoria secular, já diz não existir noiva sem senão. As qualidades altas de destemido realizador, levaram-no a não hesitar ou fraquejar perante interesses privados. O bem geral, no seu conceito de Estadista, sobrepunha-se sempre a qualquer benefício ou vantagem particular do cidadão, fosse este o seu mais querido amigo. Para Duarte Pacheco existia uma única entidade com direitos incontrovertidos: — o Estado. — Perante esta entidade, por ele quase divinizada, só reconhecia obrigações. Desta mentalidade extremista resultou a possibilidade de realiza-

ção vertiginosa da imensa e imperecível obra pública que nos legou.

Apegado a este férreo critério governativo, incompatibilizou-se com muitos amigos sinceros, com vários admiradores, pois, nem toda a gente possui o estoicismo necessário para compreender quanta nobreza cabe no sacrificio em beneficio da utilidade geral.

Embora com o coração amargurado, o homem público não cedia o passo às cordialidades de homem privado. O amigo afundava-se, mas a obra prosseguia. Assim tem de ser forjada a cobertura moral dos grandes Estadistas, quando lhes caiba governar países retardados no caminho do progresso material.

Nunca existiu, seguramente, ninguém mais severo com o dispêndio dos dinheiros públicos. Por isso, os fornecedores tinham-no. Poderá, aqui, supor-se que Duarte Pacheco fora um sórdido miserável, um avarento congénito. Engano. Os seus próprios dinheiros, que tanto esforço lhe exigiam a ganhar, dispêndia-os despreocupadamente, até com liberalidade excessiva. Paradoxal faceta do seu espirito? Não. Simplesmente a nítida responsabilidade dos seus deveres administrativos, pois os dinheiros do Estado, arrancados ao suor do Povo, tinham para ele qualquer coisa de sagrado, que se impunha venerar, defender e proveitosamente utilizar em beneficio do próprio povo.

O seu coração não era duro, como alguns deduziam de certas aparências. A sua contextura moral é que se revestia de uma rijeza invulnerável. Sobejam exemplos concretos para confirmar esta verdade. Assim — e aqui fica uma indiscrição — se suspeitasse que, com precário fundamento em divergências ideológicas, se perpetrava um acto violento, como, por exemplo, o afastamento do serviço activo do Estado de qualquer funcionário dotado de valor efectivo, com base em vagas informações, tendenciosas ou exageradas, logo punha, em defesa da justiça, a sua inteligência, a sua influência e até o seu prestigio político.

Alguns casos concretos poderia citar. Mas, se o fizesse, violaria segredos que ele, sempre, manteve ocultos, pois não queria tornar-se credor de reconhecimentos e gratidão quando, convicto, combatia pela justiça.

*
 * *
 *

Apontavam-no como um solteirão impenitente, sem espirito de familia, nada dado à estima dos encantos domésticos de marido e pai. Todos estes senões, que lhe imputavam os detractores, com o único objectivo de o diminuir no conceito alheio, não eram mais do que illusória aparência. Que amava a familia demons-

trava-o a sua nobilíssima atitude após a morte do Pai. Que amava os encantos femininos comprovam-no algumas paixões fortes que lhe surpreendi e me confidenciou. No entanto, como a maior de todas as suas paixões era o trabalho, admito que receava o casamento porque este pudesse ser inibitório de ao trabalho se consagrar sem peias, sem horas, sem restrições. Arremessou, deste modo, para longe a ideia de constituir nova família.

Além do vício, que fora virtude, do trabalho sem descanso, conheci-lhe, a mais, o do fumo. Mas, este vence-o, por medida higiénica e preservação da abalada saúde, pelo menos intermitentemente.

Abstinência comprovativa de vontade tenaz, num trabalhador intelectual desde muito moço habituado ao fumo.

*
 * *
 *

Duarte Pacheco recebeu, em certos momentos, a sua extrema mocidade. Assim, em dado dia, revelou-me, numa expansão de íntima amizade, a seguinte confidência. Estaria então prestes a receber a investidura de Director do Instituto Superior Técnico ou de Ministro da Instrução Pública, pois não posso, presentemente, precisar quando me fez a revelação: — «A certidão que estabelece a minha idade oficial envelhece-me de um ano. Reza ela ter eu nascido em 1899 quando, na verdade, nasci em 1900. Mas como muita gente afirma ser eu demasiadamente novo para o exercício dos cargos de grande responsabilidade que me conferiram, nunca rectifiquei aquela data, que consta da certidão arquivada no Técnico e que serviu para efectuar a matrícula na «Escola».

De facto, quando Duarte Pacheco foi elevado a Director do Instituto Superior Técnico, e oito meses mais tarde ascendeu a Ministro da Instrução Pública, eram fortes os rumores acusando-o de ser... muito novo! Felizes daqueles que, com verdade, podem sofrer tão grave acusação. Se há defeitos que o tempo corrija, este, o da mocidade, é o que o volver dos anos se não esquece de eliminar. E, Deus sabe, a pressa frenética com que o tempo, implacável, feroz e cruel, castiga os delinquentes de tão delicioso pecado!...

Mas, embora novo, muito novo mesmo, Duarte Pacheco, com a energia intensa dos seus luminosos 28 anos, sobraçou a Pasta da Instrução Pública e durante os duzentos e vinte e nove dias que esteve no Poder superintendendo nos assuntos académicos, o nóvel Ministro distinguiu-se pelos princípios que estabeleceu e pela quantidade enorme dos variadíssimos problemas que abordou e resolveu.

Se nos fora permitido julgar da sua actividade ministerial através do simples critério numérico, poderíamos citar o facto de o Ministro, tão insipiente e jovem — como os detractores então o afirmavam — haver firmado, nas 37 semanas em que deteve a gerência dos assuntos da instrução pública, o bonito número de 80 diplomas, como é fácil verificar pela consulta do *Diário do Governo* dessa época. O ritmo foi, pois, de dois a três diplomas por semana, ou melhor, 9 diplomas mensais. E não se diga que esses diplomas foram de mero e corrente expediente, que muitos não exigiram profundo estudo e não influíram poderosamente, na ordenação do ensino liceal e universitário. Há vários precedidos de extensos e documentados relatórios, dos quais não somente ressaltam as qualidades excepcionais da lucidez do seu espírito, mas salientam a maturidade das ideias e a solidez dos conceitos em que se apoiam as deliberações decretadas.

Seria fastidioso e inoportuno citar aqui, passo a passo, a obra, pletórica de ética, que nessas velozes 37 semanas o Ministro Duarte Pacheco operou nos serviços dependentes da Pasta sobraçada.

Recordarei, no entanto, que quase toda a instrução recebeu cedadas do seu génio criador. Assim encontramos-lo regulando o ensino liceal, organizando o artístico, remodelando o universitário, aperfeiçoando o técnico, além de toparmos com a vasta influência do seu espírito borbulhando na actividade dos serviços internos da própria Secretaria de Estado.

Trinta e sete semanas bastaram, até no conceito dos dissonantes, para debelar o defeito congénito da excessiva mocidade do Ministro!...

No Ministério da Instrução Pública, quando Duarte Pacheco exercera o cargo de Ministro desta Pasta, pairava, um velho funcionário, espécie de «Eminence grise», que era tido e havido como chavão, tal como soi dizer-se, daquele complexo organismo. Gozava, justamente, este funcionário, da máxima consideração geral, bem alicerçada, aliás, em sólida fama que lhe advinha de recuados tempos da Monarquia. Chefe da Contabilidade de tão importante departamento, era ele quem se consultava e ouvia acerca dos problemas administrativos e burocráticos. Atribuiam-lhe todos fina inteligência, superior cultura e profundo conhecimento dos serviços. Funcionário impecavelmente honesto e prudentemente cauteloso em todos os seus dizeres. Como burocrata encanecido e colaborador de variadíssimos homens públicos de afamada envergadura intelectual, julgava com discrição e muito acerto, da competência daqueles com quem lidava. Um dia movido por incontento, e estranho, entusiasmo, confidenciou-me: «Toda a minha vida tenho lidado com os homens públicos mais eminentes, mas, confesso-lhe, o Ministro actual — Duarte Pacheco

— é o mais inteligente que tenho conhecido. E, meu caro amigo, afirmo-lhe o seguinte: até hoje, foi o *único* Ministro da Instrução que temos tido. A par dele, os outros, nem se vêem».

Palavras de altíssimo louvor por partirem da boca que as proferiu; o céptico, incorruptível, temido e respeitado: Abel Dias.

Tentei, para apresentar-vos uma elucidativa visão do colossal esforço de Duarte Pacheco, quando Ministro das Obras Públicas, elaborar uma resumida síntese de todos os documentos legislativos firmados por suas mãos, de sua responsabilidade e publicados no *Diário do Governo*. Mas é tal a vastidão da obra que a síntese se transmutou em volumoso calhamaço.

Por duas vezes ascendeu a Ministro das Obras Públicas. Pela primeira vez durou a sua gerência 40 meses, que decorreram desde 5 de Julho de 1932 a 28 de Janeiro de 1936. Recordo-me de ele me dizer que a máquina, ou seja a secretaria de Estado, cuja gerência acabava de ser-lhe confiada, se encontrar des-coordenada, que não tinham eficiência os serviços e que a primeira coisa a fazer, para ser possível realizar alguma obra nacional e condigna, consistia em reajustar as peças eliminando-lhe as folgas. E sei, porque assisti a esse esforço enorme, que não tardou, uma vez entrado no Ministério, a dar forma e realidade ao seu programa.

Duarte Pacheco foi uma máquina infatigável de produção, de bela produção contínua. E, se ele, como matemático e como engenheiro, não podia acreditar nem julgar possível «o motu-contínuo», olhasse atentamente para si próprio, convencer-se-ia de que no mundo não existe — como o povo afirma — regra sem excepção; pois ele próprio, fora a encarnação do dito «motu-contínuo».

Agora, seja-me permitido citar alguns números que embora só por si possam considerar-se imensamente expressivos, o serão infinitamente mais se tivermos em conta a formação psíquica de Duarte Pacheco que o levava a ser um *centralizador*. Ele tudo via, tudo estudava, tudo ponderava. Nada, onde fosse aposta a sua assinatura, deixava de ter prendido a sua reflexão. E, portanto, não sendo, por feitiço moral e intelectual, um simples *rubricador*, cada decreto, portaria ou despacho, surgido nas páginas do *Diário do Governo* emanado do Ministério das Obras Públicas, era índice iniludível de trabalho, mais ou menos longo, mas sempre produtivo, do próprio Ministro Duarte Pacheco. Pois, apesar destas características de seu feitiço pessoal, topamos com 600 diplomas insertos no *Diário do Governo*, desde 15 de Julho de 1932 a 18 de Janeiro de 1936, de sua iniciativa, autoria e responsabilidade. O ritmo de produção atinge, deste modo, a média de cerca de 15 diplomas mensais!

Poderá perguntar-se: mas qual o valor de todo esse monumento legislativo? E cada cidadão, o país inteiro, responderá:

olhe e verá por toda a parte o nome de Duarte Pacheco que, perpetuamente, resplandecerá esculpido na obra de profunda renovação dos meios imprescindíveis ao progresso civilizador da actividade nacional.

*
 * *
 *

No entanto, este primeiro período decorrido no Ministério das Obras Públicas não foi, apesar de tudo, o mais fecundo, pois o prodigioso esforço de inconcebível realizador vinca-se, ainda mais fundamentalmente, no segundo período da sua ascensão ao Poder, outra vez como Ministro das Obras Públicas.

Decorre este segundo ciclo de 25 de Maio de 1938 até àquele dia tenebroso e trágico de 16 de Novembro de 1943, em que a Morte, implacável e traiçoeira, derruba o herói em pleno posto de combate.

Publicou Duarte Pacheco, nestes 1604 dias de seu governo, 666 diplomas legislativos. A cadência atingiu a média de 12 a 13 diplomas mensais, sendo de notar que, dentro do referido período, se ocupou com sequência de problemas referentes à Presidência da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, que houvera legalmente de abandonar em Maio de 1938 para sobraçar a Pasta das Obras Públicas.

De facto, em 1 de Janeiro deste mesmo ano, subira à Presidência da Câmara, cargo que ocupou de direito durante 5 meses consecutivos, mas de tal forma se desempenhou do honroso encargo que Lisboa lhe ficou devendo as mais lindas gemas que lhe adornam o colo. O Engenheiro Rodrigues de Carvalho, que foi ocupar o lugar de Presidente Substituto da Câmara Municipal de Lisboa quando Duarte Pacheco, pelo citado impedimento legal abandonou a Presidência, no discurso emocionante que proferiu na sessão da vereação da Câmara em 25 de Novembro de 1943, soube exaltar, com mestria, amizade, admiração e lealdade, quanto Lisboa ficou devendo ao seu génio criador. Não citarei agora o que foi todo esse esforço. Todos nós somos portugueses, coevos de Duarte Pacheco, todos vemos, com os nossos próprios olhos, a metamorfose profundíssima que a cidade sofreu. Estéril seria rememorar aqui o que de todos é conhecido. No entanto, é possível que muitos de nós somente conheçamos parcelarmente, essa obra gigantesca e quase inverosímil e, por isso, tomo a liberdade de vos apontar aquele mapa, publicado no número especial da *Revista Municipal* de Janeiro de 1944, sob o título:

«Planta da cidade de Lisboa com indicação das obras realizadas pelo Engenheiro Duarte Pacheco e principais artérias do plano de urbanização da cidade». Dele ressalta a magnitude perturbante dos trabalhos efectivados e projectados.

*
* *

Por mim tenho a certeza de que o exemplo evangelizado por Duarte Pacheco sem prédicas nem catequeses, continuará a ser o norte e norma para todos os portugueses que aspiram ao glorioso título de servidores da Pátria e de prestimosos cidadãos, mas, creio sinceramente, que hão-de decorrer anos após anos sem que surja na terra lusitana outrem dotado de um conjunto tão harmónico de excelsas qualidades de homem público.

Duarte Pacheco assim como surgiu no firmamento político nacional, fulgurante, veloz, assim trágica e inopinadamente se finou em 16 de Novembro de 1943. Já lá vão, pois, quase sete e meio anos decorridos sobre esse dia lúgubre em que a morte o apartou fisicamente de nosso convívio. Porém, o tempo, correndo, mais o aproxima, hora a hora, de nós mesmos, por isso que, em cada minuto que foge mais se acentua a mancha luminosa da projecção crescente de seu vulto ciclópico.

Duarte Pacheco foi o semeador de vasta floresta, copada e frondosa, qua mês a mês, ano a ano, mais valoriza a Pátria remozada e continuamente rejuvenesce o Portugal glorioso de eras mortas.

O semeador quando estará mais junto de nós?

Ao lançar a semente à terra onde ficará por algum tempo esquecida e sepulta, ou quando do solo irromperam já as árvores robustas que nos abrigam com suas copas frondosas e nos deleitam com seus aromas saudáveis?

Quanto a mim sinto-me mais próximo do Duarte, do seu espírito, do seu pensamento, da sua acção, hoje do que ontem, e, talvez, amanhã, mais do que hoje, porque a sua obra, majestosa, imponente, prestigiosa e civilizadora, cada dia mais frutifica e mais real se apresenta.

Todo o Portugal me fala de Duarte Pacheco.

E esta Lisboa, ao contemplá-la, grita em todos os cantos o seu nome; nas artérias novas, nos bairros burgueses, nos monumentos renovados, nas avenidas desafrontadas, nos parques extensos, na rega do solo, na estética arquitectónica, nos movimentos do trânsito, nas deambulações dominicais, nas vibrações subtis do éter através da T. S. F. e, até, na mentalidade, menos conformada e mais exigente de hábitos progressivos da geração nova.

Cedo chamou-o Deus a si, e, guardando em nossos peitos a punjente saudade da sua convivência perdida, repitamos, com resignação cristã, aquela frase final da bela oração com que o Dr. Oliveira Salazar fechou o discurso de homenagem pronunciado na Assembleia Nacional em 25 de Novembro de 1943: «Deus Levou-o. Curvo-me perante a sua vontade».

E, para concluir, expressar-vos-ei este meu íntimo desejo:
Que a Divina Providência haja permitido que neste meu
ardente, mas desajitado anseio de reanimá-lo, evocando-o, não
o tenha deformado ou diminuído, perante vosso julgamento
imparcial.

Que Deus conceda à sua alma de elite a Paz Eterna, que
é, no Céu, a recompensa das virtudes terrenas!

Tenho dito.